

## **AS PRÁTICAS DE LEITURA E AS NOÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO E DE LETRAMENTO: O DIZER DE PROFESSORES DE SÉRIES INICIAIS**

ROSANA MARA KOERNER (UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE).

### **Resumo**

As discussões que aqui se apresentam foram feitas com base em dados de uma pesquisa, de cunho etnográfico, desenvolvida ao longo de 2008, na cidade de Joinville – SC. A pesquisa teve como principal objetivo contribuir para as reflexões acerca da efetividade da formação continuada de professores. Com base em uma capacitação oferecida aos professores dos 1º s e 2º s anos do Ensino Fundamental da Rede Estadual de Ensino, na qual foram discutidas questões relacionadas às práticas de letramento, alfabetização e o trabalho envolvendo gêneros discursivos, pretendeu-se verificar o quanto tais discussões contribuiriam para a ressignificação de suas práticas pedagógicas. Foram envolvidos 20 professores, atuantes em escolas de diferentes bairros, algumas atendendo crianças provenientes de famílias carentes. Os dados selecionados para o presente artigo foram obtidos mediante sondagens feitas com os referidos professores, acerca de suas práticas de leitura (pessoais e em sala de aula) e suas concepções sobre alfabetização e letramento. Entende-se que tais práticas possam servir como indicadores de uma ação pedagógica que encontra no letramento a sua centralidade. Relacionando as respostas dadas às diferentes questões, percebem-se marcas de uma prática ainda muito baseada em materiais tipicamente escolares e uma certa falta de clareza quanto ao escopo dos conceitos de alfabetização e de letramento. Depoimentos sobre a contribuição das discussões mantidas no curso também foram solicitados. Percebem-se nestes dados as lacunas ainda presentes no dizer dos professores, especialmente no que refere às noções de letramento e de gêneros discursivos. Autores que sustentam o trabalho são: Corrêa (In Signorini, 2001), Garcia (1996), Castro e Silva (2006), entre outros.

### **Palavras-chave:**

Professores, Leitura, Letramento.

Algumas considerações iniciais:

Decorridos pouco mais de 30 anos do início das discussões envolvendo as noções de alfabetização e de letramento, parece possível afirmar que já há uma suficiente clareza em termos de reconhecimento de concepções, de elaboração teórica das duas noções, com significativas colaborações de Magda Soares, Roxane Rojo e Ângela Kleiman, entre outros. Contudo, no que se refere aos modos como essas elaborações teóricas se refletem no dia-a-dia das atividades escolares parece não se ter ainda alcançado a clareza desejada.

Para tal, faz-se necessário que o professor, como agente mediador entre a escrita e o aluno, reconheça as distinções e as semelhanças entre as noções de alfabetização e letramento e, mais que isso, perceba como elas poderão afetar o seu fazer pedagógico e queira, de fato, deixar-se afetar. Mas como tal reconhecimento será possível se o professor, em muitos casos, não teve a oportunidade de se defrontar com tais conceitos e com as repercussões que podem trazer para o seu fazer pedagógico? Fácil e cômodo seria culpar esse professor de alienação; contudo, é preciso enxergá-lo em seu estado real, e não ideal como tantas vezes é feito

quando se aborda a questão da formação desse profissional. O professor real é aquele que está em sala de aula, com uma carga às vezes excessiva de trabalho, de quem é cobrada uma série de resultados, a quem é atribuída uma série de funções, sobre quem há uma série de expectativas, mas a quem pouco se vê como um sujeito singular, sócio-historicamente constituído e situado.

Mesmo que não ocorra uma explicitação daquilo que dá base às práticas pedagógicas em sala de aula, são elas que refletem as crenças e perspectivas teóricas do professor. São concepções/crenças que, nem sempre, são tornadas explícitas ou conscientes para o professor e afetam tudo o que ele faz em sala de aula.

Refletir acerca das práticas pedagógicas e das ressignificações nela possíveis implica reconhecer que há significados nelas presentes que podem ser questionados e reajustados, assumindo novos contornos. Para tal, faz-se necessário um certo deslocamento das formas de atuação cristalizadas para, a partir daí, avaliá-las e confrontá-las com as necessidades que emergem do contexto no qual se encontram inseridas. O olhar desse professor deve ser provocado para buscar em sua prática os resultados das reflexões feitas.

Para tal, técnicas como sondagens iniciais e registros das contribuições podem servir como mecanismos desencadeadores da ação reflexiva. Nessas produções, os professores ganham espaço para explicitarem seus conhecimentos, suas dúvidas, suas críticas e sugestões. Embora respostas de sondagem possam ser limitadas quanto ao conteúdo que expressam, fornecem indícios dos quais é possível depreender diferentes concepções. A própria situação para a qual o professor é conduzido, obriga-o a refletir sobre o que sabe e o que não sabe, funcionando quase como uma auto-avaliação extremamente pontual.

Algumas considerações sobre a metodologia:

Os dados que aqui serão apresentados foram obtidos durante a realização de atividades de extensão, que se caracterizou como uma atividade de formação continuada destinada a professores das duas séries iniciais do Ensino Fundamental (de 9 anos), da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina. O curso teve a duração de 60 horas e tinha como temáticas centrais: as culturas infantis, as noções de alfabetização e de letramento e o trabalho com gêneros discursivos. Participaram 20 professores, de 4 escolas de diferentes regiões da cidade.

Ocasionalmente eram aplicados questionários para sondagem do que os professores sabiam sobre determinados aspectos. Para este artigo, serão apresentados os resultados de questões relacionadas à prática de leitura. Em algumas ocasiões, após o encerramento das discussões acerca de uma dada temática, era solicitado que os professores escrevessem a respeito das contribuições trazidas para a sua prática pedagógica. Também estas escritas serão apresentadas neste artigo.

Apresentação e discussão dos resultados:

Dos 20 participantes, 16 afirmaram explicitamente terem feito o curso de Pedagogia; 12 referiram-se a um curso de pós-graduação (muitos mencionaram os dois: Pedagogia e pós-graduação). Uma participante é formada em Ciências Biológicas e outra é graduada em Pedagogia e Educação Artística. Somente duas participantes informaram ter Magistério e uma se encontra cursando Pedagogia.

Os dados indicam tratar-se de um grupo relativamente homogêneo e com o nível de escolaridade que havia sido previsto em lei (curso superior). Apenas três participantes ainda não se encontram nesse nível. Vale destacar o significativo número de professores com pós-graduação, tendo sido feita referência a variadas temáticas, todas relacionadas ao espaço da sala de aula: gestão na educação, educação inclusiva, pedagogia da infância, psicopedagogia. Dos 20 informantes, mais de 80% já têm mais de 6 anos de atividade, sendo que destes, metade já tem mais de 16. Nenhum professor do grupo estava em seu primeiro ano de atuação na profissão. Tal situação poderia servir para uma reflexão mais aproximada do dia-a-dia da sala de aula. Muitas experiências poderiam ser compartilhadas. Quando se observam os dados relativos ao tempo de serviço em turmas de alfabetização, tem-se que 58% têm menos de 6 anos (uma participante nem se encontra atuando nestas turmas). Presume-se que em algum momento de sua carreira os professores tenham sido desafiados a assumir uma dessas turmas, talvez, até, em decorrência de seu tempo de experiência no Magistério.

Quando questionados acerca de suas leituras costumeiras ("O que você costuma ler?"), os professores mostraram-se bastante ecléticos em suas opções. As maiores ocorrências foram para a leitura de jornais e de revistas, algumas especificadas como sendo da área da educação. A Literatura Infantil também se fez bem presente, mais do que a referência explícita a livros de literatura. Os dados indicam haver um certo nível de leitura de textos relacionados à sua área de atuação. Apenas dois professores citaram consultas à Internet, o que indica o distanciamento do grupo dessa ferramenta de pesquisa. Houve um professor que fez questão de citar leituras presentes no cotidiano familiar: bulas de remédio, panfletos, cartões, faturas, indicando nisto uma compreensão de leitura que se afasta do senso comum que associa leitura a livros, quando muito a revistas e jornais. Como tais práticas de leitura se refletem no espaço da sala de aula? Como evitar a pressuposição de que um professor que lê com razoável frequência também o fará com os seus alunos?

Os resultados obtidos a partir da questão que vinha a seguir ("O que você costuma ler em sala de aula?") talvez possam trazer algumas pistas acerca das práticas de leitura desses professores em suas salas de aula.

A variedade de materiais (gêneros) usados para a leitura em sala de aula mostrou-se bastante grande, sobressaindo a Literatura Infantil, o jornal e a revista. Contudo, essa variedade deve-se mais às respostas dadas por 4 ou 5 professores que demonstraram uma concepção de leitura que ultrapassa os limites do literário, do que ao grupo como um todo. A maioria fez referência à Literatura Infantil, ora usando a expressão "literatura infantil", ora usando "histórias" ou, ainda, "textos". Percebeu-se que a expressão "literatura infantil" era usada para a referência aos livros com narrativas, excluindo-se daí, por vezes, os contos e os poemas. Excetuando-se as revistas e os jornais, há baixíssima ocorrência de textos fora do domínio literário: trava-línguas, adivinhas, gibis, bulas de remédio, livros de arte, textos informativos, piadas, informes, receitas, placas, Bíblia e bilhete, todos com uma ou duas ocorrências. Percebe-se, com isso, que a concepção de leitura dominante é a da literatura, presente em quase todas as respostas.

Observando-se os resultados dados a primeira questão, tem-se que as práticas de leitura dos professores feitas fora do espaço da sala de aula encontram muitos pontos de convergência com o que realizam dentro da sala de aula. Nas duas questões, o predomínio está na leitura de jornais, revistas e literatura infantil. Enquanto sujeito que tem uma profissão, os professores leem textos voltados para a sua área; já atuando, optam por aqueles destinados ao público infantil.

Um significativo ponto de convergência é a baixa ocorrência de referências a leituras do cotidiano, feitas por poucos professores nas duas questões. Enfatiza-se aqui uma concepção de leitura que parece desprender-se das respostas, como aquela que compreende a leitura por prazer, da literatura, ou quando muito, aquela que proporciona conhecimento, advinda de livros da área, e informação, de jornais e revistas. Outros objetivos de leitura (para cumprir tarefas, para seguir instruções, para obter informações pontuais) são pouco lembrados. Tal situação esbarra claramente na noção de letramento, como o envolvimento em diferentes práticas sociais com a escrita. Se o professor não reconhece tais práticas (embora esteja nelas envolvido) como poderá desvendá-las para os seus alunos? Tais práticas ganham corporeidade nos textos de diferentes gêneros, cuja circulação em sala de aula poderia significar uma prática voltada para o letramento.

Como já apontado anteriormente, a diversidade se fez presente também nas respostas à questão "Com quais tipos de materiais de leitura você trabalha em sala de aula? Quais seus objetivos?": maior incidência de referências à literatura infantil, a jornais e revistas. Aqui surgiram materiais novos, nitidamente relacionados ao processo de alfabetização: alfabeto, cartazes, material de alfabetização, fichas de leitura e textos de memória. Houve uma distribuição um pouco maior da diversidade, não se concentrando nas sondagens de 4 ou 5 professores, como aconteceu na questão anterior. Isto poderia sugerir uma ação pedagógica efetivamente mais voltada para o letramento. Contudo, os objetivos apontados para o uso de tais materiais não confirmam tal hipótese.

Um certo senso comum se fez presente nas respostas, boa parte delas indicando a preocupação com a criação do gosto/hábito da leitura. Outra forte tendência associada aos materiais citados é usá-los para o processo de alfabetização, especialmente em seus estágios iniciais: "Identificar o alfabeto ou sílabas, aprender a ler e escrever, interagir com as letras, fazer leituras, escrever corretamente". Foram citados objetivos relacionados à ação do próprio professor: "Colher a interpretação, base para o trabalho didático, perceber a aprendizagem de cada criança", com nítidos resquícios de práticas de "cobrança" da capacidade de decodificar dos alunos.

Poucas respostas voltaram-se para a questão das práticas sociais com a escrita (apenas 5 referências explícitas). Geralmente a diversidade de materiais citados por tais professores ultrapassava os limites dos didáticos e literários. Tal quadro dá indicações claras de que as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores participantes, naquele momento, ainda encontram-se um tanto distantes daquilo que está previsto nos documentos oficiais de educação (PCNs e Proposta Curricular de Santa Catarina). Talvez esta "falta" seja o reflexo de um certo desconhecimento do que envolve os conceitos de alfabetização e letramento, temas da questão seguinte: "Qual a diferença entre alfabetização e letramento?"

As respostas de fato apontam para uma falta de clareza quanto à amplitude dos dois conceitos. Percebem-se resquícios de alguns prováveis momentos de discussão envolvendo a temática, mas que não dão conta objetivamente da questão: "Letramento está voltada [sic] a [sic] compreensão e interpretação do que acontece na própria vida, os fatos sociais, históricos, políticos..." (Participante \*\*\*)

O aspecto compreensão parece ser um dos critérios mais fortemente usados quando a tarefa é conceituar letramento. Esteve presente em pelo menos 8 respostas, associada especialmente ao ato de ler. Depreende-se, em algumas manifestações, uma tentativa de marcar a distinção entre mera decodificação e leitura fazendo inferências: "Alfabetização - ler, porém não consegue entender as entre linhas [sic]. Letramento - Buscar a leitura de uma maneira que não tenha medo de errar, e entender as entre linhas." (Participante Pequena Sereia)

A associação entre alfabetização e decodificação foi feita em quase 50% das respostas. Isto pode servir como um indício de que já houve o contato com os conceitos propostos na questão, ocasiões em que, geralmente, a alfabetização permanece estreitamente relacionada à compreensão de como funciona o sistema gráfico da língua e à capacidade de usá-lo, não se levando em consideração situações sociais.

Particularmente interessantes são as respostas que procuram aproximar o conceito de letramento com o caráter social da escrita e que servem para reforçar a suposição de que houve algum contato com discussões nas quais se aborda a distinção entre alfabetização e letramento. São manifestações que apontam para as práticas sociais, mas que não dão conta de elaborar claramente a associação delas com o letramento: "Aplicar a alfabetização nas práticas e vivências diárias." (Participante Heaven); "Letramento - vai buscar o uso propriamente dito 'social' de uma língua, indo além [sic] ainda da alfabetização." (Participante Julieta); "Letramento: fazer uso social da leitura e da escrita, entender o que lê e o seu uso e reflexos." (Participante Borboleta) etc. A referência ao social, ao meio no qual a criança se encontra inserida, parece ser o ponto de ligação com o que já fora previamente visto. Trata-se, possivelmente, do aspecto que ganhou maior relevância, como diferencial de uma prática apenas voltada para o contexto escolar. Talvez isto sirva de pista aos formadores de professores quando da instauração de discussões acerca do que é abrangido pelos conceitos de alfabetização e de letramento.

Apesar desses indícios apontarem para uma certa compreensão dos dois conceitos, a falta de clareza e de objetividade na elaboração da distinção entre eles indica que ainda não foram suficientemente assimilados, apesar de já serem mais de 20 anos em que tal temática é abordada. Vale informar que dois professores manifestaram claramente sua falta de clareza, enquanto que outros três deram respostas inadequadas à questão proposta ("Alfabetização, pois não consegue entender entre linhas [sic]." - Participante Rosa Branca). A falta de clareza na elaboração da resposta não significa, necessariamente, que na prática não haja essa clareza. Contudo, pode se tratar de uma prática calcada na espontaneidade, na intuição, na percepção um tanto aleatória de que determinadas estratégias parecem mais interessantes que outras, mais tradicionais e pouco atraentes.

Após a aplicação da sondagem foi promovida a reflexão sobre o que seja alfabetização e letramento, o que aproxima e o que distingue os dois conceitos. Tal reflexão foi feita por meio de momentos de exposição dialogada, de leitura de texto no qual a temática é central e da proposição de uma atividade de elaboração de exercícios que deixassem evidente a preocupação com o letramento dos alunos. Ao final, foi solicitado que os professores escrevessem acerca das contribuições que esse conjunto de ações trouxe para a sua prática pedagógica.

De acordo com a maioria dos professores, as contribuições mais significativas se deram no esclarecimento das noções de alfabetização e de letramento, tanto por meio do texto lido, como por meio do exercício de elaboração de atividades

práticas. Dois professores indicaram ter aproveitado a ocasião para avaliarem a sua prática, concluindo que estão caminhando na direção "certa".

Tais manifestações indicam que havia lacunas teóricas a serem preenchidas, pontos nebulosos acerca de dois conceitos cuja clareza é fundamental para o encaminhamento das ações pedagógicas. Não significam, contudo, que tais lacunas tenham, de fato, sido plenamente preenchidas, ou, pelo menos, satisfatoriamente! Talvez de todas as discussões sobre alguns resquícios que encontrem eco em algumas ações pedagógicas.

Considerações finais:

Fácil é elaborar a imagem de um professor ideal, antenado com discussões recentes, empenhado em promover mudanças constantes em sua prática pedagógica a partir dessas discussões e capaz, ainda, de dizê-lo de forma clara e objetiva. Talvez seja este o quadro esperado para ser encontrado pelos formadores de professores. Contudo, o que se tem é um professor real, nem sempre atualizado (até mesmo não preocupado em atualizar-se), nem sempre propenso a participar de discussões de temas relativos a sua área, nem sempre disposto a promover mudanças em sua prática pedagógica, nem sempre capaz de externar as suas concepções de forma clara e objetiva. É este professor, atravessado por múltiplos dizeres e afetado já por múltiplos fazeres, que toma parte de atividades de formação continuada. Ouvir o que dizem pode ser um ponto de partida para toda uma série de reflexões sobre o que fazem.

Entre os muitos dizeres, neste artigo foram destacados aqueles relacionados às práticas de leitura de professores das séries iniciais, tanto pessoais quanto aquelas que promovem em suas salas de aula. Os dados indicaram que, de certa forma, as atividades de leitura mais pessoais refletem-se nas atividades promovidas no espaço escolar, envolvendo quase os mesmos gêneros: literatura infantil, revistas e jornais (muito possivelmente, com propósitos distintos). O dizer dos professores apontou para a pouca diversidade de gêneros, o que talvez sirva como indício de uma compreensão de leitura já socialmente cristalizada, como aquela que envolve tão somente livros e, preferencialmente, de literatura.

Tal situação limita consideravelmente a compreensão de letramento cuja dimensão se restringe aos gêneros tradicionalmente trabalhados na escola. E, por consequência, centraliza-se na questão da compreensão do que é lido, lembrando os já tradicionais exercícios de compreensão e interpretação, geralmente posicionados no livro didático após algum fragmento de um texto literário.

Apesar de tal circularidade em torno de atividades escolares, também foi possível perceber um olhar para o aspecto eminentemente social que a noção de letramento provoca. Facilmente o letramento foi associado com o social, embora não de forma tão clara e objetiva quanto se esperava.

Nos depoimentos dos professores pôde-se perceber que, possivelmente, maior clareza sobre as distinções entre letramento e alfabetização foi alcançada. Contudo, é preciso reconhecer, o dizer não significa necessariamente que o fazer será ou foi afetado. A diminuição da distância entre um e outro talvez seja um dos grandes desafios a serem enfrentados pelos formadores de professores. Fazer o professor

sair do seu "engessamento", de sua inércia, capaz de olhar para a sua própria prática pedagógica, envolve reformulações, talvez, do dizer desses formadores, às vezes tão confortáveis em suas idealizações. São as leituras que são possíveis e necessárias! Talvez um tipo de letramento ainda não suficientemente desenvolvido...

Referências Bibliográficas:

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. In SIGNORINI, Inês (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2001.

GARCIA (org.), Regina Leite. **A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre e prática**. São Paulo, Cortez, 1996.

**Parâmetros Curriculares Nacionais:** Língua Portuguesa. Brasília, MEC/SEF: 1998.

Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. **Proposta Curricular de Santa Catarina:** estudos temáticos. Florianópolis: IOESC, 2005.